

Entrevista com o professor José Alexandre Filizzola Diniz*

Geosul: Gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre sua trajetória, os lugares por onde passou e viveu na sua infância e juventude e que lhe despertou o gosto pela geografia.

Prof Diniz: Eu nasci em Aracaju, em 20 de setembro de 1941. Comecei o primário no colégio Jackson de Figueiredo e logo passei para o Colégio do Salvador, extremamente rigoroso. Depois fiz o exame de admissão no terceiro para o quarto ano, pois já estava mais velho que os demais colegas. No terceiro ano para o Ginásio Tobias Barreto passei para o Colégio Estadual de Sergipe, onde fiz o final do ginásio e o científico. Neste meio tempo passei seis meses em Ouro Preto, porque como eu vivia desenhando e fazendo projetos de casas, minha família achou que eu devia fazer engenharia e naquela época a escola mais famosa era a de Ouro Preto, eu fui fazer o terceiro ano científico em Ouro Preto. E lá eu fui morar com Dona Andréia Quaranta e Ubirajara Quaranta, que regia o coral de Ouro Preto. Eu também participei do coral, sempre trabalhei muito com música, tocava piano, acordeão, e já tinha tido uma trajetória de cantor. Então me envolvi muito com o coral de Ouro Preto e vi também que o Ubirajara, que fazia engenharia civil, e que aquilo não era o que eu queria, porque era matemática, física e química. Mas naquela época, em Aracaju, por volta de 1959, não se tinha a idéia do que era arquitetura em Aracaju, embora hoje eu saiba que naquela época já tivesse uma escola de arquitetura em Salvador. Voltei para Aracaju no segundo semestre

* Prof. Aposentado da UFSE – atualmente Diretor do Museu de Arqueologia de Xingo. Entrevista realizada em Aracaju (UFSE), em 12/03/2003, com a participação dos professores Ewerton Vieira Machado (UFSC) e Vera França (UFSE).

e a minha família queria que eu fizesse vestibular para química que era um curso que tinha prestígio, mas eu sabia que não tinha nenhuma vocação para química e resolvi fazer vestibular para filosofia, dizendo que era enquanto me preparava para fazer vestibular para química. E no final do ano fiz vestibular para geografia e história. Na realidade o que eu gostava era de história, trajetória similar a de muitos geógrafos brasileiros. No curso de graduação fui envolvido por duas áreas de conhecimento: geografia, em função de professores de Bonifácio Fortes e Fernando Porto (na época a gente tinha uma biblioteca razoavelmente boa e lia muito os autores franceses, como Max Sorre) e antropologia em função de uma professora Josefina Leite; e a biblioteca de antropologia também era muito boa. E na época de estudante universitário me envolvi também no ensino de ginásio e científico tanto história como geografia. Sobre tudo de geografia física, porque na época todos os professores fugiam daquele livro de geografia física do Aroldo de Azevedo, que era utilizado no primeiro científico. Então eu sempre dei mais aulas de geografia física. E comecei já no quarto ano da faculdade a lecionar no ensino superior - porque a parte de licenciatura em geografia e história era dada no terceiro e o quarto ano era só didática - quando Josefina Leite fez uma viagem para a Europa, eu fiquei substituindo-a na Faculdade de Filosofia e na Escola de Serviço Social, ministrando antropologia. Então, a minha carreira universitária começa com antropologia. Em 1962 houve um fato muito importante na minha vida, que foi a assembléia geral da AGB em Penedo, quando Manuel Corrêa da Andrade era presidente da AGB, e ele veio a Aracaju para que nós ajudássemos na organização da assembléia de Penedo. E nós interagimos com outros geógrafos do Brasil. Essa reunião para mim representou uma abertura de perspectivas muito grande. E eu trabalhei no grupo sob coordenação da Lísia Bernardes, fazendo a geografia urbana de Penedo. Nesta assembléia Manuel Corrêa me fez apresentar um trabalho que eu havia feito ainda como aluno da faculdade sobre Aracaju, que foi o primeiro trabalho urbano geral

sobre a cidade. E a Lísia Bernardes, durante toda a semana que ficamos em penedo, ela lia comigo o trabalho, depois do almoço, e discutíamos o que eu havia feito sobre Aracaju. Em 1963, houve outra assembléia em Jequié, quando Milton Santos já era presidente da AGB, e aí eu tive a felicidade de trabalhar com a Elza Keller, no sub-grupo que estudava a agricultura de Jabaquara-Maracás, na Bahia. E foi muito importante para mim, porque a Elza me abriu o campo da geografia agrária, que eu praticamente não conhecia. Depois a Elza me levou para Rio Claro onde ia abrir um curso de mestrado em Rio Claro. Eu me considero então um filho da AGB. Foi aí que eu tive uma visão muito mais científica da geografia, pois os professores que eu tive, embora bem intencionados, não eram geógrafos. Em 1964, eu fui para Rio Claro trabalhar com Elza Keller, o curso de mestrado acabou não sendo aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, pois ainda não existiam normas para pós-graduação no Brasil. Em Rio Claro em 1964, fiz vários cursos, com Elza Keller, com Carlos Augusto Monteiro, com Margarida Penteado, de cartografia, e de aerofotogrametria: foi extremamente importante. Em 65 a Elza conseguiu que eu fosse contratado como instrutor da Faculdade de Filosofia de Rio Claro e fiquei a partir de 65 lecionando geografia da população. Fiquei em Rio Claro até 1972. Fiz um trabalho muito grande em Rio Claro: fiz o doutorado em 68, a Livre-Docência em 71, e já estava trabalhando direto em geografia agrária, pois a Elza já havia saído de Rio Claro. Em 1972, terminei indo para a UNB, a convite do professor Getúlio Vargas Barbosa, de Minas Gerais, que era fundador da geografia da UNB, ligada à área de geociências. E lá o Getúlio teve a idéia de fazer o primeiro curso de geógrafos do Brasil. Tive colegas interessantes e competentes, com quem eu pude dialogar bastante, como Aldo Paviani e Inês Barbosa. Fiquei em Brasília até 75, quando a Universidade Federal de Sergipe me convidou para voltar e eu voltei para o departamento de Geografia.

Geosul: Gostaríamos que falasse um pouco sobre a experiência através da JUC, no movimento da igreja e na educação de base.

Prof. Diniz: Eu fiz a Faculdade católica de Filosofia, era o que existia na época, pois ainda não havia Universidade em Sergipe. E era um período muito fértil, de mudanças radicais no país, de 60 a 63. E eu me envolvi num movimento de ação católica, na Juventude Universitária Católica (JUC) que também passava por uma mudança radical aqui em Sergipe. A JUC tinha começado em Aracaju com uma visão muito tradicional, e quando entrei na JUC ela começava a mudar, com uma ação muito mais política. Logo no segundo ano sou eleito presidente do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo, que era da Faculdade de Filosofia, e em 1962 sou eleito presidente da União Estadual dos Estudantes de Sergipe. Começam a acontecer dois movimentos extremamente importantes: primeiro, o movimento de alfabetização e educação de base no bairro Siqueira Campos, em Aracaju, que a UEE coordenava e que fazia uso da escola radiofônica do MEB, Movimento de Educação de Base, da Igreja. Eu também me envolvi muito, devido a minha ligação com a música, com a criação do centro popular de cultura de Sergipe, o CPC, que saía fazendo teatro popular e de rua em diversos pontos do estado. Então, no período da faculdade, tive um envolvimento muito grande com política universitária, com movimentos sociais muito fortes. Decorrente disso, o processo na justiça militar, prisão em 64; respondi processo na justiça militar se não me engano até 68.

Geosul: E que lições você tirou disto?

Prof. Diniz: Eu acho que isto foi muito importante, porque os compromissos com a sociedade, com as melhorias das condições de vida da população, persistem e marcam o resto da vida da gente.

Geosul Fale um pouco como aconteceram os desdobramentos da sua formação, e a sua atuação nas pós-graduações.

Prof. Diniz: Na realidade, a minha vida acadêmica começa em Rio Claro. Aí, em 68 defendo minha tese de doutorado sobre a Organização Agrária no Município de Araras, em São Paulo. Não havia pós-graduação ainda, e realmente eu só começo a trabalhar na Pós-graduação quando a abrimos aqui, em Aracaju. Quando saí

de Rio Claro, lá ainda não havia pós-graduação. Em 1971 faço a livre-docência, com a tese Aplicação da Análise Fatorial na Elaboração de uma Tipologia Agrícola na Depressão Periférica Paulista. Publiquei vários trabalhos, muitos em conjunto com Antonio Olívio Ceron. Quando saí de Rio Claro e fui para Brasília, começa uma nova fase da vida. Rio Claro, por melhor que fosse o seu curso de geografia, era de uma faculdade de filosofia no interior de São Paulo, extremamente limitada no seu contexto. Quando fui para Brasília a perspectiva muda completamente: passo a me envolver com uma universidade imensa e onde a geografia não representava praticamente nada, com o curso de geografia começando. Então a perspectiva do que poderia fazer mudou completamente, e isto foi extremamente importante para mim, porque antes nós escrevíamos e publicávamos os trabalhos parece que para o colega da sala ao lado ler. Então, quando eu chego em Aracaju, em 1975, trago a visão de trabalho e de capacidade de desenvolver projetos em larga escala, completamente diferente da visão que eu tinha em Rio Claro.

Geosul: Começa com o trabalho de Organização Espacial de Sergipe...

Prof. Diniz: Começa com este trabalho, para o qual a UFS é contratada pela SUDENE-CONDESE (Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe) para fazer a divisão regional de Sergipe, já que a SUDENE havia partido para uma idéia de que todos os estados do nordeste seriam regionalizados e que os governos deveriam ter administrações regionalizadas. Este trabalho estava sendo feito em todos os estados e eu assumo a coordenação em Sergipe. Mas como não conhecíamos direito Sergipe partimos para um trabalho muito mais amplo, no qual a regionalização fosse um sub-produto. E chegamos a um trabalho que foi considerado pela SUDENE como o de melhor nível no nordeste. Inclusive se fez aqui um seminário com vários geógrafos do Brasil, como a Lísia Bernardes, porque naquela época se achava que a administração poderia ser regionalizada; hoje eu já não acredito nisso, porque nenhum governador divide poder; é muito

difícil, e as administrações regionalizadas não passam de meras descentralizações administrativas. E logo depois da organização espacial, que deu uma projeção muito grande ao departamento de geografia, nós partimos para o Atlas de Sergipe, outro trabalho de uma magnitude muito grande, de conteúdo e forma, de ótima qualidade gráfica e cartográfica, com assessoria da Elza Keller e Getúlio Vargas Barbosa, tendo sido impresso no Rio de Janeiro.

Geosul: E o estado tinha interesse em financiar estes produtos...

Prof. Diniz: Sim, o estado através do CONDESE, tinha uma perspectiva de planejamento que acabou no país. Hoje se administra o dia-a-dia. Então estes dois trabalhos foram financiados pelo CONDESE, não só a elaboração, mas também a impressão.

Geosul: E foi uma experiência pioneira no Brasil...

Prof. Diniz: Eu acho que sim, não sei dizer ao certo. Mas foi um dos primeiros Atlas completos, que tivesse desde a geologia até a organização urbana feito no Brasil. O IBGE tinha os Atlas nacionais, mas estaduais não havia. Se não me engano o Carlos Augusto queria fazer o Atlas climatológico do estado de São Paulo, mas devido aos custos não foi publicado. O Ceará tinha um Atlas feito pela Amélia Nogueira quando ela ainda estava no Ceará, mas não sei foi publicado um pouco antes que o nosso. Mas o de Sergipe foi um dos primeiros e completos.

Geosul: E a partir desse atlas é que se desdobrou o atlas escolar...

Prof. Diniz: O atlas escolar foi coordenado pela Adelci Figueiredo dos Santos, a partir do atlas geográfico de Sergipe. É interessante lembrar que, já a partir de 1995, passei a introduzir aqui na pós-graduação em geografia de Sergipe, o geoprocessamento. Compramos um software nos Estados Unidos, o Atlasgis, e através deste fizemos um trabalho com estagiários de informática da UFSE, a Variação Temporo-Espacial da Produção Agrícola de Sergipe. Deste trabalho, surge em 1996, com a professora Vera França, o Atlas Sócio-Econômico do Estado de Sergipe, em meio digital, que é certamente o primeiro atlas digital do Brasil.

Inclusive apresentei este trabalho no encontro da USP, com duzentas e tantas cartas, publicadas na época em 4 disquetes. Mas na época teve uma péssima comercialização. Acho que nós fomos muito pioneiros, fizemos um atlas para computador, quando o computador ainda não era muito divulgado. Hoje teria um sucesso muito maior porque seria gravado em CD e seria fácil o seu acesso.

Geosul: Professor, retomando sobre sua atuação profissional na UNB e em Rio Claro, atuando junto com profissionais como o Olívio Ceron, vocês ajudaram muito a difundir métodos e técnicas quantitativas, que foram amplamente usadas nas universidades e no IBGE, em vários estudos urbanos, agrários, entre outros, e que também foi muito combatida no Brasil pelos profissionais ligados à geografia crítica. Fale um pouco sobre isto.

Prof. Diniz: Todo o grupo que havia terminado o doutorado em Rio Claro por volta de 68, 69 estava meio insatisfeito com a geografia que se fazia. E aí começam a ser buscados novos caminhos e o professor Christofolletti, de saudosa memória, nos trouxe um artigo que foi marcante, que foi o de B. Racine. Eu até mandei uma cópia deste artigo para Manuel Corrêa, que havia sido um pai intelectual para mim depois daquela assembléia de Penedo. E Manuel me mandou dizer em uma carta que achava o artigo extremamente interessante e que abria novas perspectivas para a geografia. É bom lembrar que nós não tínhamos nenhuma idéia de uma geografia marxista, nesta época. Alguns geógrafos brasileiros, como Orlando Valverde, já tinham uma orientação marxista, mas a geografia não havia caminhado de modo significativo no caminho de uma geografia dessa perspectiva. Na verdade, se fazia uma geografia clássica. Com uma ligeira diferença: a geografia que se fazia em Rio Claro, por influência da Elza Keller e do Carlos Augusto, era uma geografia clássica de um nível de precisão muito grande. O Carlos Augusto havia introduzido a climatologia dinâmica, os mapas geomorfológicos feitos com fotografias aéreas, a Elza Keller nos obrigava a fazer cursos de estatística antes de se falar em geografia quantitativa. Isto é: já havia uma tendência de uma geografia mais precisa, mais exata, mesmo não se falando em

métodos quantitativos. Com este artigo do Racine vimos que em algumas partes do mundo estavam fazendo uma geografia diferente. E aí começamos a procurar o que se fazia de novo nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Suécia desde os inícios dos anos 60, e nós aqui no Brasil estávamos com dez anos de atraso. Enquanto em Rio Claro nos procurávamos uma geografia mais precisa, o IBGE também procurava isso, por influência sobretudo do Faisol. E quase todos os geógrafos do IBGE se envolveram muito nisso, começando a trabalhar com métodos quantitativos. Eles não tinham uma forte preocupação teórica; é como se eles estivessem começando a fazer uma geografia quantitativa sem uma mudança epistemológica de base. Pedro Geiger também estava muito envolvida nisto, além de Olindina Viana Mesquita, Olga Becker, Elza Keller, Roberto Lobato e outros. Tinham trazido da Inglaterra o autor do livro *Quantitative Geography*, que deu um curso que depois foi publicado como uma apostila sobre geografia quantitativa. Nós caminhamos separado durante alguns meses; Rio Claro vendo mais a parte de teoria e o IBGE de aplicação. Inclusive porque nós não tínhamos computadores e o IBGE usava o da PUC do Rio de Janeiro. Lembro-me que, quando fui fazer a minha livre-docência, quis usar uma análise fatorial e fui ao IBGE; e foi o Espiridião Faisol que me orientou sobre análise fatorial, pois queria fazer uma tipologia agrícola e ele explicou-a que isto dava para fazer com análise fatorial e cluster analysis. E fui para o Rio de Janeiro, com o Faisol, aprender como usa-la. Em Rio Claro depois nós conseguimos adaptar o programa para o computador da engenharia de São Carlos, que era um IBM 1130, e conseguimos rodar a análise fatorial para o Ceron fazer a livre-docência dele. Assim, foi só no início dos anos 70, a partir do encontro da AGB em Vitória, que tomamos conhecimento de que o IBGE estava trabalhando na mesma linha e começamos a interagir.

Geosul: E os enfrentamentos...

Prof. Diniz: Em toda a coisa nova, os neófitos são radicais. A gente saía por aí para difundir as novas idéias, tanto em São Paulo, como no resto do Brasil. E mandávamos jogar fora todos os livros

da geografia clássica. Então não houve enfrentamento entre a geografia teórica e a geografia marxista. Houve entre a geografia clássica e a geografia teórica-quantitativa. E esse enfrentamento se deu sobretudo no âmbito Rio Claro – USP, a USP com a geografia mais clássica. O enfrentamento entre geografia teórica-quantitativa e geografia crítica se dá muito mais tarde, sobretudo a partir da AGB de Fortaleza, em 1978. E foi um embate completamente diferente, porque parte do grupo que antes era da geografia quantitativa assume a geografia crítica; Roberto Lobato é um exemplo: ele tinha sido um dos introdutores da geografia teórica-quantitativa no Brasil.

Geosul: E hoje como você avalia as possibilidades de uso de método e técnicas quantitativas pelas possibilidades que surgem na construção de um paradigma mais holístico na geografia, e até para tentar contornar a dicotomia entre geografia física e humana.

Prof. Diniz: Bom, eu acho que esta crise entre geografia teórica e quantitativa já está superada, e que para fazer uma geografia nova, holística como você fala, são incorporadas coisas que podem ter vindo tanto de uma como de outra geografia, ou tanto da clássica como da geografia teórica-quantitativa, e também coisas da geografia crítica. Eu hoje me considero um heterodoxo. Como a minha postura epistemológica é nitidamente popperiana, eu me preocupo na realização de uma geografia científica - embora ele nunca tenha dito que a geografia é uma ciência, e eu tenho dúvidas de que se ele tivesse examinado a questão, ele diria como ele disse para a história, que não é ciência - a partir de um método hipotético dedutivo. Eu tento fazer isto. É difícil fazer, pela nossa raiz empirista, indutiva, mas tento chegar a uma postura heterodoxa incorporando uma filosofia popperiana a geografia. E aí, ao focar o problema, não o ramo da geografia, eu abandono estas dicotomias, pois em uma geografia feita a partir de problemas não existe dicotomia entre humana / física.

Geosul: Tem profissionais hoje, como o Armen e o Carlos Augusto, que defendem perspectivas assim.

Prof. Diniz: É talvez a gente esteja caminhando dentro vazio epistemológico em que a geografia se encontra, assim como outras ciências sociais, talvez a gente caminhe numa postura neste sentido. E a visão popperiana conduz a métodos quantitativos. E eu acho que a única maneira de você integrar as coisas é através de problemas.

Geosul: Mas no ensino escolar se busca trabalhar sobre temas!

Prof. Diniz: O tema pode não ser um problema. Um problema é uma questão não resolvida pelo conhecimento científico. E a geografia deve enfocar dar resposta a problemas dentro de uma visão geográfica. Seja essa visão holística ou outra que você queira dizer. Tem um fato interessante que ocorreu em um encontro feito aqui, há dois anos atrás; foi um trabalho que apresentei em uma mesa redonda, que teve uma grande repercussão, pois que eu levantava, analisando as perspectivas teóricas recentes da geografia agrária, mais para instigar - seguindo a linha popperiana - que um exagero de descrições de assentamentos rurais no MST não tem mais sentido, porque estão caindo numa mesmice, desde que não existem mais questões novas a responder. Parece-me que uma única questão que está faltando responder é: porque certos agricultores em determinados assentamentos dão certo e outros não. E a isso ninguém está respondendo. Fica-se simplesmente descrevendo, dentro da nossa tradição empirista brutal, e são simples descrições de estudo de caso, sem preocupação teórica.

Geosul: E nessa perspectiva professor, fale um pouco das contribuições para a geografia brasileira a partir de suas atuações fora de Sergipe e em Sergipe, criando as primeiras bases do programa de pós-graduação, hoje com mestrado e doutorado. E também um pouco de sua contribuição à geografia agrária.

Prof. Diniz: Quando eu vim para Sergipe, a convite da Adelci Figueiredo dos Santos a maioria dos membros do Departamento tinha uma idéia de crescer e queria se projetar nacionalmente; e a Adelci tinha passado um ano comigo em Brasília, fazendo um estágio. E ela, que era chefe do departamento, conduzia-o em uma

linha de trabalho científico, e me deu o controle científico dos grupos que queriam trabalhar. Eu começo a fazer aqui, logo que chego, além da Organização espacial de Sergipe, um curso de especialização aplicado ao planejamento. A minha visão de geografia aplicada que tive na UNB, se reflete logo em Sergipe. E a nossa idéia era de formar geógrafos que comessem logo a trabalhar no planejamento. E era uma fase, 72 a 75, em que o planejamento tinha vez no Brasil, e havia perspectiva de aplicação muito grande de geógrafos neste trabalho. Carlos Caldas Lins dirigia uma divisão na SUDENE, e havia contratado um grupo de Recife, outro na Bahia, e nos contratou para fazer as áreas agrícolas subcosteiras do nordeste meridional, que ia do sul de Maceió ao extremo sul da Bahia. Depois fiz, com o Aloísio Duarte, do IBGE, a região cacauzeira da Bahia, a área centro-ocidental do nordeste, pegando a zona de barreiras até o sul do Maranhão e Piauí, o sub-sistema urbano-regional de Aracaju, o sub-sistema urbano-regional de Crato e Juazeiro do Norte, e o sub-sistema urbano-regional de Teresina, sempre com o pessoal do departamento de geografia, com colaboração de vários professores, até em equipes interdisciplinares com professores de economia, serviço social. Depois fiz, com a Vera França, as áreas de exceção agrícola de Sergipe -Alagoas que me abriu um novo campo de trabalho: a questão do campesinato, e aí entro um pouco na geografia agrária. Mas estes trabalhos que fiz com a SUDENE foram importantes, porque nos abriram a perspectiva regional: sair de Sergipe para um estudo mais amplo da região. Na questão específica da geografia agrária, uma coisa muito importante é que quando trabalhava com o Ceron, a gente introduzia na geografia agrária brasileira as noções de União Geográfica Internacional, através de sua comissão de tipologia agrícola, coordenada pelo Kostowicki, da Polônia, que tentava fazer uma geografia agrária mais holística, em um universo amplo de elementos sociais, culturais e demográficos e econômicos, além de elementos externos como políticas governamentais, movimentos ecológicos e econômicos. E é essa geografia agrária que eu tento introduzir no

meu livro, que não é de geografia agrária quantitativa, mas que usa métodos quantitativos, que leva também a uma visão geográfica da agricultura, da estrutura e do processo agrícola. Métodos quantitativos como meio de estudar a estrutura e o processo. Esse livro foi escrito há muitos anos, comecei ainda em Rio Claro, continuei quando estava em Brasília e aqui em Aracaju recebi o convite do Christofolletti, que editava uma coleção de geografia pela DIFEL, atualizei-o e publiquei-o em 1983, 1984. Inclusive esse livro, que passou a ser muito divulgado tanto no Brasil como em outros países da América do Sul, está esgotado. Hoje eu diria que o livro precisaria de uma atualização brutal, pois a nossa visão e a própria agricultura mudaram nestes 20 anos. O enfoque que é dado no livro ressalta mais os elementos internos da agricultura; deveriam ser reforçados muito mais os elementos externos da agricultura, sobretudo os elementos econômicos, como mercado.

Geosul: Como o senhor vê, distante dos centros tradicionais de geografia, o surgimento de vários cursos de pós-graduação no Brasil, dinamizando a formação acadêmico-profissional sem muito atrelamento aos centros europeus ou americanos? Eles contribuem para o surgimento de uma nova geografia verdadeira?

Prof. Diniz: Eu não sei se existe uma geografia nova verdadeira. E por mais que você tente chegar a uma geografia, você vai ter várias geografias. Existem diversas visões de ciência e a gente não deve se atrelar a uma única. A não ser que se tenha um paradigma extremamente forte. Se surgir um paradigma geográfico extremamente forte, que una essas diversas concepções, você poderá chegar a uma única geografia.

Geosul: Falam hoje se integrar formação sócio-espacial e geossistema...

Prof. Diniz: Se for possível chegar à formulação de um paradigma unificador, se poderá ter uma geografia hegemônica. Mas mesmo nesse caso, se terão certas geografias que se manterão diferentes. E não se deve cercear isto, pelo simples fato que isso é enriquecedor. Visões diferentes sobre um conhecimento científico são sempre

enriquecedoras, porque é na crítica e no debate que a ciência se fortalece. E o paradigma que for estabelecido será provisório, porque não existem paradigmas, leis, teorias permanentes. Tudo é mera conjectura. Esse paradigma será contestado e a ciência cresce por substituição de paradigmas. Desde que eu cheguei a Aracaju, tentei vencer o isolamento de Sergipe. Nestes 27, 28 anos, nós procuramos sempre integrar, pela vinda de professores de fora, participação em congressos, isso sempre foi altamente estimulado. Sempre havia intercâmbio, com o rio de Janeiro, Recife, Salvador. E quando fizemos a pós-graduação aqui, em 1983, a integração foi aumentando. Depois fui coordenador de geografia da CAPES e isso foi muito importante. É com o Christofletti, o primeiro coordenador de geografia na CAPES, que a nossa área se separa da geologia. E aí a gente começa a ter um intercâmbio muito forte com a USP: através do Milton Santos, da Maria Adélia, e outros. E eu acho que tive um papel muito importante na criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, que nasceu em Florianópolis e da qual Milton Santos é o primeiro presidente. E o Milton faz o primeiro congresso da ANPEGE em Aracaju, organizado por nós, o curso de pós-graduação em geografia.

Geosul: Mas não acha que exemplos de Aracaju e tantos outros e seu envolvimento na CAPES foram fundamentais para o surgimento de vários grupos de pós-graduação pelo Brasil?

Prof. Diniz: A gente sempre tentou estimular. Eu lembro a minha luta para estimular o rio de Janeiro a abrir um doutorado em geografia; tinham só o mestrado e um receio imenso em abrir o doutorado. Eu brincava com Maria do Carmo Galvão e com a Bertha Becker, pois era um centro que era estimulado em todos os relatórios da CAPES. Eu cheguei a indicar os centros que estavam aptos a abrir pós-graduação. Eu vejo a ampliação dos cursos de forma muito saudável. Não vamos abrir em qualquer lugar, mas é importante abrir, sobretudo porque há uma concentração espacial da pós-graduação no Brasil, muito forte no sul e principalmente no sudeste. Basta dizer que só agora, com o doutorado em

Florianópolis e Aracaju, é que o doutorado sai de São Paulo e do Rio de Janeiro. Embora eu esteja hoje afastado da avaliação dos cursos, acredito que existam outros centros que já tenham condições de abrir pós-graduação no país.

Geosul: A região Norte é meio carente, não?

Prof. Diniz: No tempo que estava na CAPES, havia um grupo em Belém que começa a se estruturar muito forte. Não sei como se desenvolveu.

Geosul: Gostaríamos que o senhor fizesse uma rápida avaliação acerca da contribuição dos geógrafos nordestinos, como por exemplo, Josué de Castro, Manuel Corrêa, Raquel Caldas, Mário Lacerda, Milton Santos, entre outros, não necessariamente formados em geografia mas que têm um papel importante na formação do pensamento geográfico brasileiro.

Prof. Diniz: Você está querendo demais. Bom eu li Josué de Castro na Faculdade de Filosofia; na minha geração, todo mundo lia a Geografia da Fome e a Geopolítica da Fome: eram livros básicos. Acho que nós tivemos no nordeste dois centros geográficos importantes, a Bahia e Pernambuco. Quando eu ainda era aluno de geografia, a Bahia já despontava como um centro de geografia, com o Milton, Tricart, Teresa Cardoso e o grupo deles. Tinham um laboratório de geomorfologia importante e para nós, em Aracaju, era um centro de referência. Lembro que ainda quando era aluno de graduação, li a tese de doutorado do Milton sobre o centro de Salvador, o que me entusiasmou muito, e que de certa forma, me levou a fazer aquele estudo de que eu falei que foi o primeiro estudo de geografia urbana de Aracaju. E outro centro que também tinha pessoas marcantes era Pernambuco, sobretudo Mário Lacerda, na Faculdade de Filosofia, Gilberto Osório que deu uma contribuição muito grande para a geomorfologia do nordeste, e Raquel. E meio marginalizado neste grupo, Manuel Corrêa de Andrade, que estava na Faculdade de Economia, com quem mantive contato desde 1963. Depois disso, começa a surgir um terceiro centro de geografia no nordeste que é Fortaleza, com a

contratação da Amélia Nogueira, que faleceu tragicamente naquele acidente com o pessoal do RADAM no Rio de Janeiro, naquele avião que desapareceu. Mas a Amélia foi muito importante. Talvez se não tivesse ocorrido o falecimento da Amélia, o Ceará tivesse despontado antes; ele só vai ser importante muito tempo depois, com o José Borzachiello e Geralda Almeida. A Amélia me convidou quando eu estava em Rio Claro para ir para o Ceará, em 1965. O golpe de 64 traz sérias conseqüências, com o esfacelamento do grupo da Bahia, que só vai ressurgir muito tempo depois, com o Silvio, a Bárbara Cristina, a Sônia, a Auxiliadora. Pernambuco também sofreu uma atrofia muito grande, talvez porque não tenha sido muito feliz na renovação de seu quadro; e só vai se recuperar com a chegada do Jean Biton, tanto é que se atrofiou um pouco e não pode sair para o doutorado, quando era o centro que tinha mais condições no nordeste; mas se complicou com questões internas da universidade. Mas eu acho que todos esses geógrafos mencionados, assim como a importância da SUDENE, com esses trabalhos que ela contratou com a presença da Bahia, de Sergipe, de Recife, do Ceará, foram extremamente importantes, porque deram ao geógrafo nordestino o conhecimento sobre o nordeste, que ele não tinha antes.

Geosul: Eu esqueci do Carlos Augusto, com o trabalho sobre planificação do nordeste.

Prof. Diniz: Sim, assim como o Aziz...

Geosul: Mas o Aziz já teve muita influência de outras escolas... Professor fale um pouquinho sobre a produção geográfica brasileira contemporânea, notadamente livros e revistas.

Prof. Diniz: Eu estou um pouco afastado destas coisas.

Geosul: Então comente um pouco sobre sua participação no projeto Xingó.

Prof. Diniz: Eu me aposentei da universidade em 1991, e passei a ficar apenas dedicado à pós-graduação em geografia. Em 1997, a universidade se deparou com uma grave crise num projeto de salvamento arqueológico que tinha em Xingó, na zona de

construção da hidrelétrica de Xingó. Era um problema de magnitude muito grande, porque havia contratos firmados com a CHESF e com a Petrobrás e a universidade não tinha produto nenhum para entregar às empresas. Então o reitor me convida para chefiar uma comissão de investigação do projeto, e eu começo a me envolver com arqueólogos brasileiros para formar esta comissão, o que acabou com minha designação como coordenador do projeto de resgate arqueológico de Xingó. Isto em julho de 97. A partir daí eu me dediquei a recuperar a imagem da universidade na questão arqueológica, a interagir com arqueólogos, e termino construindo o Museu de Arqueologia de Xingó, que hoje é uma referência, está até no guia Quatro Rodas e é apontado como um dos 42 museus do Brasil que merece ser visitado. E até se cria na pós-graduação de Sergipe uma área de pós-graduação em geografia, que eu passei a chamar como Formas e Processos Tradicionais de Ocupação Territorial; fizemos já duas turmas de mestrado em geografia com essa área de concentração, e é bem reconhecida pela comunidade arqueológica nacional, trazendo professores de arqueologia dos mais diversos pontos do país, publicando também uma revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Acho que, embora tenha me desviado um pouco da geografia, nos últimos anos abriram muito minhas perspectivas para uma nova área do conhecimento que eu não tinha contato anterior.

Geosul: E a partir desta sua entrada pela arqueologia, que outras áreas vislumbra que podem caminhar juntas com a geografia, sem perder a identidade da própria geografia.

Prof. Diniz: Uma área que eu vejo importante é a questão de meio ambiente e a questão ambiental, desde que acabem estas visões xiitas. Partir para uma visão ambiental mais científica, mais de ecólogo do que de ecologista. Mas acho que ainda estamos encaminhando nesta área. Talvez nesta área seja possível fazer esta interação entre o social e o meio ambiente através de problemas. E a área de planejamento, que a geografia deve retomar, sobretudo num governo que se diz preocupado com a retomada da questão do

levantamento de perspectivas e de planejar o futuro do país. Acho que a geografia tem muito a contribuir.

Geosul: E a chamada geografia humanista, cultural, ou geografia cultural, do grupo da UERJ, com o Roberto Lobato, o Carlos Augusto trabalhando com literatura...

Prof. Diniz: Acho que são caminhos que estão abertos. Não é uma área que me interesse particularmente, mas é uma perspectiva nova, que pode dar resultados interessantes.

Geosul: Agradecemos a sua disposição em conceder esta entrevista.